

Nova Escola - *O que Paulo Freire diria se visse a faixa que fizeram atacando-o?*

Moacir Gadotti – Pelo tempo que convivi com ele, creio que Paulo Freire não ficaria impaciente e nem magoado com isso. Ele dizia que não fazia “beicinho” quando alguém o criticava. Valorizava as críticas sustentando que podemos sempre aprender com elas. Mas não significa que ele aceitasse todas. Ele não respondia a elas diretamente. Limitava-se a reafirmar e explicitar melhor suas posições, sem entrar em polêmicas estéreis e destrutivas. Nenhuma teoria pedagógica agrada a todos e todas e isso é muito bom. É por meio da crítica que avançamos. Paulo Freire escreveu seu livro *Pedagogia da esperança* (1992) fazendo uma leitura crítica de sua *Pedagogia do oprimido* (1968). A pedagogia do diálogo que praticava fundamenta-se numa filosofia pluralista. O pluralismo não significa ecletismo ou posições “adocicadas”, como ele costumava dizer. Significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais. Paulo nunca polemizou com ninguém. Ele era uma pessoa alegre e bem humorada. Mas, às vezes, é difícil manter o bom humor diante de algumas críticas, sobretudo quando são pessoais. Paulo jamais respondeu a qualquer ataque pessoal. Sobre a faixa, certamente não responderia, mas, pensaria que, por trás dela, estaria escondida uma postura de classe, de quem, talvez, nunca tenha lido um livro dele.

Nova Escola - *Por que a obra dele ainda é alvo de críticas e preconceitos?*

Moacir Gadotti - Há muita crítica infundada, genérica, por vezes, puramente ideológica e passional. Creio que a validade da teoria e da práxis de Paulo Freire está ligada, sobretudo, a quatro de suas intuições originais que é preciso compreender antes de criticar: 1ª – a ênfase nas condições gnosiológicas da prática educativa; 2ª a defesa da educação como ato dialógico e, ao mesmo tempo, rigoroso, intuitivo, imaginativo e afetivo; 3ª a noção de ciência aberta às necessidades populares ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença etc.; 4ª o planejamento comunitário, participativo, a gestão democrática, a pesquisa participante. Há quem discorde desse pensamento. Não há dúvida de que Paulo Freire foi um grande humanista. Ele não odiava ninguém. Era uma pessoa muito simples, um educador preocupado com a construção de uma sociedade mais justa, mais democrática, querendo contribuir “na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”, como diz ele na frase final de sua *Pedagogia do oprimido*. Como, então, explicar ele estar sendo alvo de críticas e preconceitos? Não vejo outra razão se não esta: Paulo Freire não teve receio de posicionar-se, de mostrar de que lado estava. Isto está muito claro quando dedica sua *Pedagogia do oprimido*, “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem, e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Vale a pena lembrar essa epígrafe e refletir sobre ela.

Nova Escola - *Qual o legado de Paulo Freire para a educação contemporânea?*

Moacir Gadotti – Paulo Freire é autor de uma imensa obra político-pedagógica e filosófica que atravessou as fronteiras geográficas e também as fronteiras das ciências, para além da América Latina. Inicialmente ficou conhecido por um método de ensino e de pesquisa ancorados numa antropologia e numa teoria do conhecimento, imprescindível, até hoje, na formação do educador. Depois de Paulo Freire não se pode mais afirmar que a educação é neutra. Ele demonstrou a importância da educação na formação do povo sujeito, do povo soberano. Ele foi um dos grandes idealizadores do paradigma da educação popular. Miríades de experiências de educação popular e de adultos inspiram-se e continuam inspirando-se em suas ideias pedagógicas. O legado dele não pode ser considerado uma contribuição à educação do passado, mas à educação do futuro. Alguns certamente gostariam de deixá-lo para trás na história das ideias pedagógicas e outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Creio que o principal legado de Paulo Freire não está só na sua teoria do conhecimento e na sua filosofia educacional, mas em ter insistido no pressuposto de que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Ele não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Como legado nos deixou a utopia.

Nova Escola - *As salas de aula brasileiras estão mais próximas da educação libertadora ou da educação bancária?*

Moacir Gadotti – A educação brasileira não é homogênea. Nela encontramos concepções e práticas diversas de educação, mas cresce uma visão mercantilista da educação, não só nas escolas privadas, mas também na escola pública, transpondo para dentro da sala de aula a lógica do mercado de rentabilidade, lucro e competitividade. Tudo não pode ser reduzido à mercadoria; tudo não pode ser comprado e vendido. Nossa educação precisa fundar-se em outros valores. Nossas escolas discutem pouco a educação que precisamos para o país que queremos. Elas não discutem política, no sentido grego da palavra, isto é, de debate da vida na polis. Para Paulo Freire, a educação libertadora era uma educação crítica, o contrário da educação dogmática, sectária. Ele distinguia a educação sectária da educação radical, isto é, uma educação que investiga os fundamentos, as raízes das coisas e não fica na superficialidade. A escola brasileira encontra-se hoje frente a novos e grandes desafios para ser, realmente, uma escola desafiadora, ousada, corajosa, formando para a cidadania e para a liberdade e não uma escola burocrática, cumpridora de ordens, incapaz de compreender o mundo da vida, cada vez mais complexo, onde o conhecimento tornou-se uma grande força produtiva. Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire continua muito atual, pois ele trabalhou muito a formação crítica do educador e introduziu novas metodologias, novas formas de aprender e de ensinar, novos métodos de ensino e de pesquisa. Devemos continuar estudando a sua obra, não para segui-lo como a um guru. Ele afirmou certa vez que não queria ser seguido, mas queria ser reinventado. Honrar um autor não é repeti-lo, é, sobretudo, estudá-lo e revê-lo criticamente, retomar seus temas, seus problemas, seus questionamentos diante das novas exigências colocadas pelo presente.